



PREVALÊNCIA DE DEPRESSÃO E FATORES ASSOCIADOS EM ESTUDANTES DE MEDICINA

Isabella de Mello Cardoso¹; Viviani Betiati²; Marcela de Oliveira Demitto³; Fernanda Shizue Nishida⁴

¹Acadêmica do Curso de Medicina, UNICESUMAR, Maringá-PR. Bolsista PIBIC/UniCesumar.

²Mestre em Promoção da Saúde, UNICESUMAR, Maringá-PR.

³Doutora, Docente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR.

⁴Orientadora, Doutora, Departamento de Medicina e do Programa de Mestrado Promoção da Saúde, UNICESUMAR, Maringá-PR. Pesquisadora e Bolsista Produtividade em Pesquisa do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação – ICETI.

RESUMO: O objetivo do presente estudo foi avaliar a prevalência de depressão e fatores associados em estudantes de medicina. Trata-se de um estudo descritivo, transversal desenvolvido com alunos do 1º ao 6º ano de Medicina de uma Universidade particular na cidade de Maringá-PR. Os alunos responderam ao questionário BDI (Inventário de Depressão de Beck) com 21 questões, que avalia a severidade do quadro depressivo. Dos entrevistados, 35% apresentaram algum grau de depressão, sendo mulheres a maioria. Além disso, fatores como estar no começo do curso, ter assinalado "outros" como local de moradia e o abuso de medicamentos mostraram ter associação com o quadro depressivo. A presente pesquisa demonstrou que entre estudantes de Medicina existe uma prevalência elevada de jovens com depressão segundo a escala adotada. Ações de promoção de saúde podem ser direcionadas no sentido de atender essa população e prevenir esse agravo.

PALAVRAS-CHAVE: Depressão; Estudantes; Medicina.

1 INTRODUÇÃO

A depressão é a principal causa de incapacidade no mundo. Ela afeta cerca de 300 milhões de pessoas, sendo as mulheres mais acometidas que os homens e quando a clínica é severa pode levar ao suicídio (OMS, 2018). Em 2013, 9,7% dos adultos brasileiros apresentaram algum grau de depressão, enquanto 3,9% desse número era de depressão maior (Barros *et al.*, 2017).

É uma doença frequentemente subdiagnosticada, e quando o diagnóstico é feito, muitas vezes é tratada com doses de medicamentos mais baixas que o ideal (Teng, Humes e Demetrio, 2005). Segundo o DSM-5 (2014), o transtorno depressivo tem duração de pelo menos duas semanas e apresenta pelo menos um destes sintomas principais, como o humor deprimido, a perda de interesse ou prazer. Além disso, há outros sintomas que podem estar presentes, como perda ou ganho de peso, insônia ou hipersonia, agitação ou retardo psicomotor, fadiga ou perda de energia, menor capacidade de pensar ou concentrar, pensamentos de morte.

O estresse que estudantes de medicina passam é muito relacionado a algumas situações como competitividade entre os alunos, dificuldade em equilibrar vida pessoal e vida acadêmica, falta de tempo de lazer, exposição a dor e sofrimento e a própria cultura na medicina, que não dá importância suficiente ao sofrimento dos estudantes (Moreira, Vasconcellos e Heath, 2015). Essa situação de estresse parece ter relação com os distúrbios depressivos (Cybulski e Mansani, 2017).

Paula (2014) encontrou uma prevalência de depressão de 28,8% na população de estudantes de medicina analisada. Número muito elevado se comparado à população mundial. Alguns fatores que colaboram para essa elevada prevalência são a distância de vários alunos em relação a família



(Vasconcelos *et al.* 2015), vontade de mudar de curso, dificuldades de relação interpessoal, percepção negativa do local de estudo (Oliveira *et al.*, 2016).

Tanto estudantes do método tradicional quanto do método ativo baseado em problemas (ABP) apresentam tensão emocional e sofrimento psicológico, sendo que aqueles inseridos na ABP apresentam insegurança em relação ao método (Tenório *et al.* 2016).

A maior incidência de distúrbios psiquiátricos, incluindo a depressão, em médicos e estudantes de medicina leva também a uma maior taxa de suicídio nesse grupo comparado a população geral. Além disso, o maior conhecimento desses indivíduos em relação a fisiologia humana, faz com que esses tenham maior facilidade em efetivar a ação suicida (Santa e Cantilino, 2016).

Com essas informações, o presente estudo tem o objetivo de avaliar a prevalência da depressão e fatores associados em estudantes de medicina, que serão disseminadores de hábitos de vida saudáveis e promotores de saúde.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal, descritivo, exploratório.

A população de estudo foi constituída por 488 alunos, desde a primeira até a sexta série, sendo que há um total de 835 alunos matriculados no curso de medicina.

Os dados foram coletados por seis acadêmicos do curso de Medicina, por meio da aplicação de um questionário autoaplicável. O questionário foi apresentado às turmas de medicina no final das aulas. Cabe esclarecer que primeiramente foi solicitada a autorização do professor responsável pela aula para realização da pesquisa. A explicação sobre o questionário e preenchimento do mesmo pelos alunos, tendeu a ter uma duração média de 10 minutos.

Como critério de inclusão foram selecionado todos os estudantes de medicina da instituição pesquisada. Os critérios de exclusão adotados foram: estudantes menores de 18 anos, aqueles que não estiveram presentes no dia da coleta, e os que se recusaram a participar da pesquisa.

Para identificar características de depressão foi utilizado o questionário BDI (Inventário de depressão de Beck) com 21 questões. Para avaliar o resultado, um valor de 0 a 3 é determinado para cada resposta para determinar a severidade do quadro depressivo. Os valores básicos são: 0-9 indicam que o indivíduo não está deprimido, 10-18 indicam depressão leve a moderada, 19-29 indicam depressão moderada a severa e 30-63 indicam depressão severa. Valores maiores indicam maior severidade dos sintomas depressivos.

O projeto foi submetido e aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos na Unicesumar.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Do total de alunos, mais da metade (58,75%) é do sexo feminino. A faixa etária mais observada foi de 20-24 anos com 65,34%. A cor/raça mais encontrada foi branca com 86,66%. Do total de estudantes 27,04% estavam no primeiro ano do curso.

Do total, 58% dos jovens que participaram da pesquisa possuem grau de depressão mínimo e 28% leve, considerando a classificação proposta para o instrumento BDI, enquanto que 11% e 3% apresentam depressão moderada ou severa, respectivamente (Figura 1).

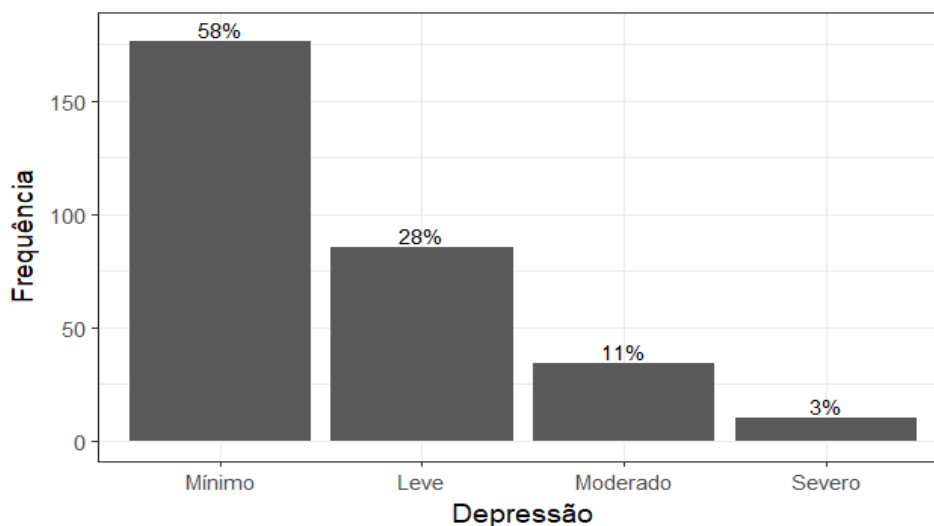


Figura 1 - Distribuição de frequências da classificação de depressão do instrumento BDI, obtida pelos participantes da pesquisa.

Constatou-se que 36% dos participantes da pesquisa foram diagnosticados com depressão (leve, moderada ou severa), de acordo com a classificação do instrumento BDI (Tabela 1). Kunwar et al (2016), em seu estudo com estudantes verificou uma prevalência mais baixa, de 29,9%, embora não seja dividida por intensidade do quadro.

Tabela 1 - Análise univariada da depressão em função de fatores em estudo e resultado do teste de associação qui-quadrado.

Fatores	Depressão		OR Bruta	IC 95%	Valor p
	Não	Sim			
Sexo					
Masculino	146 (30%)	47 (10%)	1,00	-	-
Feminino	170 (35%)	125 (26%)	2,28	1,54-3,44	< 0,01
Cor/raça					
Branco	276 (56%)	152 (31%)	1,00	-	-
Negro	6 (1%)	4 (1%)	1,21	0,31-4,3	0,770
Amarelo	19 (4%)	6 (1%)	0,57	0,21-1,39	0,246
Pardo	15 (3%)	11 (2%)	1,33	0,58-2,96	0,484
Série do curso					
Primeira	89 (18%)	44 (9%)	1,00	-	-
Segunda	45 (9%)	41 (8%)	1,83	1,06-3,23	0,031
Terceira	73 (15%)	46 (9%)	1,27	0,76-2,14	0,357
Quarta	54 (11%)	12 (2%)	0,45	0,21-0,9	0,030
Quinta	33 (7%)	20 (4%)	1,23	0,63-2,37	0,547
Sexta	22 (4%)	11 (2%)	1,01	0,44-2,24	0,978
Estado civil					
Solteiro	303 (62%)	163 (33%)	1,00	-	-
Outros	13 (3%)	10 (2%)	1,43	0,6-3,32	0,407
Local de moradia					
Com pais	70 (14%)	25 (5%)	1,00	-	-
Pensionato/república	3 (1%)	2 (0%)	1,87	0,24-11,9	0,508
Casa dividida com amigos	54 (11%)	32 (7%)	1,66	0,88-3,14	0,116
Sozinho	166 (34%)	93 (19%)	1,57	0,94-2,68	0,091
Outros	23 (5%)	22 (4%)	2,68	1,28-5,67	< 0,01



Diagnóstico de depressão na família					
Sim	159 (33%)	124 (25%)	1,00	-	-
Não	156 (32%)	50 (10%)	0,41	0,28-0,61	< 0,01
Idade					
Menos de 20 anos	37 (8%)	25 (5%)	1,00	-	-
De 20 a 24 anos	207 (43%)	118 (24%)	0,84	0,49-1,48	0,549
De 25 a 40 anos	71 (15%)	29 (6%)	0,60	0,31-1,18	0,139
Remédios (abusa de remédios ocasionalmente, com relativa frequência ou quase diariamente)					
Não	283 (58%)	139 (29%)	1,00	-	-
Sim	31 (6%)	32 (7%)	2,10	1,23-3,6	< 0,01

Nota-se que as estudantes do sexo feminino apresentam mais do que o dobro de chances de terem depressão em relação aos homens (OR = 2,28). Nos estudos de Wahed e Hassan (2016), não foi encontrada diferença significativa entre homens e mulheres para a depressão, dado diferente dos resultados encontrados por Jadoon et al (2010), Ibrahim e Abdelreheem (2015) e Kulsoom e Afsar (2015) e Kunwar et al (2016) no de Abdallah e Gabr onde os homens eram mais propensos a depressão do que as mulheres.

Ainda, é possível observar que os estudantes do segundo ano apresentam 83% de chances a mais de ter depressão, enquanto que os da quarta série tem a metade das chances em relação àqueles do primeiro ano (OR de 1,83 e 0,45; respectivamente). Wahed e Hassan (2016) verificaram associação significativa entre depressão e o ensino superior.

As chances de depressão dos indivíduos que apontaram "outros" como local de maioria são maiores se comparados aos que moram com os pais (OR = 2,68). Ainda, observa-se que os estudantes que abusam de remédios tem 110% de chances a mais se comparados com os que nunca ou quase nunca abusam de remédios (OR = 2,10). Para as demais características, não houveram evidências suficientes de que as diferenças observadas na razão de chances de ter ansiedade são significativas. De acordo com os resultados do teste de associação qui-quadrado, também dispostos na Tabela 1, é possível notar que os fatores: sexo, série do curso, diagnóstico de depressão na família apresentam associação significativa com a depressão, considerando um nível de 5% de significância.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa demonstrou que entre estudantes de Medicina existe uma prevalência elevada de jovens com depressão segundo a escala adotada. Em razão disso, medidas devem ser tomadas para que esses números reduzam. Buscar compreender o universo acadêmico e as variáveis que se relacionam permitiria elucidar algumas questões que permeiam o meio onde estes estudantes estão inseridos e ações de promoção de saúde podem ser direcionadas no sentido de atender essa população e prevenir esse agravo.

REFERÊNCIAS

ABDALLAH. A.R; GABR. H.M. Depression, anxiety and stress among first year medical students in an Egyptian public university. *Int Res J Med Med Sci* 2014;2(1):11-9

BARROS, M. et al. Depressão e Comportamentos de Saúde em Adultos Brasileiros - PNS 2013. Rev. Saúde Pública. v. 51, 2017.



CYBULSKI, C.; MANSANI, F. Análise da Depressão, dos Fatores de Risco para Sintomas Depressivos e do Uso de Antidepressivos entre Acadêmicos do Curso de Medicina da Universidade Estadual de Ponta Grossa. *Rev.bras.educ.med.*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 1, p. 92-101, Jan. 2017.

IBRAHIM, Motaz B. ABDELREHEEM, Moataz H. **Prevalence of anxiety and depression among medical and pharmaceutical students in Alexandria University.** *Alexandria Journal of Medicine* (2015) 51, 167–173.

JADOON, N. A, et al. Anxiety and depression among medical students: a cross-sectional study. *J Pak Med Assoc* 2010;60(8):699–702.

KULSOOM, Bibi; AFSAR, Nasir ali. **Stress, anxiety, and depression among medical students.** *Neuropsychiatric Disease and Treatment* 2015:11.

KUNWAR, D. et al. Study of depression, anxiety and stress among the medical students in two medical colleges of nepal. *Kathmandu Univ Med J* 2016;53(1):22-6.

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais [recurso eletrônico] : DSM-5. American Psychiatric Association; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento [et al.]; 5. ed., Porto Alegre: Artmed, 2014.

MOREIRA, S.; VASCONCELLOS, R.; HEATH, N. Estresse na Formação Médica: como Lidar com Essa Realidade?. *Rev. bras. educ. med.*, Rio de Janeiro, v. 39, n. 4, p. 558-564, Dez. 2015, Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022015000400558&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 Ago. 2018.

OLIVEIRA, G. et al. Prevalência e Fatores associados à Depressão em Estudantes de Medicina da Universidade Federal do Amapá. *Rev. de Medicina e Saúde de Brasília, Brasília*, v. 5, n. 3, p. 186-99, 2016.

OMS, 2018. FOLHA INFORMATIVA - DEPRESSÃO. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5635:folha-informativa-depressao&Itemid=822>. Acesso em 19 jul. 2018.

PAULA, J. et al. Prevalência e fatores associados à depressão em estudantes de medicina. *Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.*, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 274-281, 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822014000300006&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 03 ago. 2018.

SANTA, N.; CANTILINO, A. Suicídio entre Médicos e Estudantes de Medicina: Revisão de Literatura. *Rev. bras. educ. med.*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 4, p. 772-780, Dez. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022016000400772&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 Ago. 2018.

TENG, C.T.; HUMES, E.C.; DEMETRIO, F.N. Depressão e Comorbidades Clínicas. *Rev. Psiq. Clín.*, v. 32, n. 3, p. 149-159, 2005.

TENORIO, L. et al. Saúde Mental de Estudantes de Escolas Médicas com Diferentes Modelos de Ensino. *Rev. bras. educ. med.*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 4, p. 574-582, Dez. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022016000400574&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 14 Ago. 2018.



VASCONCELOS, T. et al. Prevalência de Sintomas de Ansiedade e Depressão em Estudantes de Medicina. Rev. bras. educ. med., Rio de Janeiro, v. 39, n. 1, p. 135-142, Mar. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022015000100135&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 03 Ago. 2018.

WAHED, W.Y. Abdel; HASSAN, S.K. **Prevalence and associated factors of stress, anxiety and depression.** Alexandria Journal of Medicine (2016) xxx, xxx–xxx.